

## **Pensando e fazendo webjornalismo audiovisual: a experiência do TJUFRJ<sup>1</sup>**

**Beatriz Becker\*, Lara Mateus\*\***

\*Professora na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro

\*\*Jornalista, investigadora e estudante na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro

### **Resumen**

Nesse mundo mediado pelas tecnologias digitais, onde a comunicação tem um papel central e a experiência da realidade social é construída por meio de combinações de imagens e palavras, é importante pensar sobre a produção colaborativa de notícias porque esses processos subvertem a forma unilateral de distribuição de informação para uma reconfiguração da mediação jornalística na atualidade e podem gerar outros sentidos sobre a realidade social cotidiana. As narrativas não lineares têm o potencial de aperfeiçoar as práticas jornalísticas e incrementar a interatividade, o que requer, entretanto, leitores-teleespectadores-usuários ativos, que tenham a capacidade de entender códigos e tecnologias da mídia, analisar as novas linguagens, produzir conteúdos com um mínimo grau de qualidade, e cidadãos que também tenham competências para interagir com as mensagens midiáticas. Educar para o pensamento crítico implica em habilidades para estabelecer relações criativas e consistentes com o que aparece na tela e a realidade do mundo fora dela. A capacidade de praticar e refletir sobre o jornalismo e selecionar informações, talvez, nunca tenha sido tão essencial. A experiência do laboratório e do site TJUFRJ, o telejornal online da Escola de Comunicação da UFRJ, que pode ser acessado no endereço [www.tj.ufrj.br](http://www.tj.ufrj.br), é discutida nesse artigo como uma experiência capaz de associar a educação a processos de formação de audiências mais ativas, a partir de uma análise comparativa de diferentes experiências de produção de conteúdos noticiosos audiovisuais disponibilizadas no ciberespaço.

**Palavras-chave:** webjornalismo audiovisual, formação profissional, TJUFRJ

### **Abstract**

In this world mediated by digital technologies, in which communication plays a central role and the social-reality experience is built through combinations of images and words, it is important to consider collaborative news production since these processes challenge unilateral news-distribution schemes while proposing a rearrangement of today's forms of journalistic mediation, and they could produce new values in the everyday social reality. Non-linear news has the potential to improve journalistic practices and increase interactivity.

Nevertheless, such improvements require active readers-viewers-users that are capable of understanding media codes and technologies, analyzing new languages and producing acceptable journalistic material, and citizens that are also qualified to interact with media communications. Educating to think critically involves the ability to establish creative relationships that are consistent with what we see on the screen and with the real world beyond it. The ability to practice and contemplate journalism and select information has conceivably never been so essential. In this article, the experiments of the TJUFRJ laboratory and website of the UFRJ School of Communication's online news ([www.tj.ufrj.br](http://www.tj.ufrj.br)) are discussed as attempts to associate education with methods of training audiences to be more active, based on a comparative analysis of different forms of producing the audiovisual news available in cyberspace.

**Keywords:** audiovisual web journalism, professional training, TJUFRJ.

<sup>1</sup> Trabalho selecionado para ser apresentado na conferência promovida pela International Association for Media and Communication Research (IAMCR-2010), na seção Journalism Research and Education, realizada na Universidade do Minho, em Braga, Portugal com o título " TJUFRJ: Learning to practice and to think about journalism".

### 1. Jornalismo e contemporaneidade

O processo intenso e crescente de midiatisação da sociedade e suas práticas sociais, afeta de modo peculiar a cultura jornalística, seu ambiente produtivo, suas rotinas e a própria identidade dos seus atores, e a produção da noticiabilidade se vê atravessada por lógicas e operações que remetem à existência de uma nova interface entre jornais/fontes e jornal/leitor. Questiona-se o atual *status* do jornalismo e sua mediação ( Fausto, 2009, p.28, p.21). Mas, uma reflexão consistente sobre as atuais reconfigurações das práticas jornalísticas não deve estar baseada na existência de uma falsa oposição: de um lado, jornalistas privilegiados detentores da informação; e de outro, comunidades de leitores-telespectadores-usuários que, dotados de mecanismos tecnológicos adequados e ansiosos pela verdade, poderiam alcançá-la de forma desinteressada ( Rodrigues, 2009, p.24). Sem dúvida, o advento do computador e das redes têm revolucionado o exercício do jornalismo. No entanto, a prática jornalística não experimenta sua primeira e tampouco a sua última grande transformação no século XXI. Nos últimos 200 anos, várias mudanças no exercício do jornalismo estão associadas às inovações tecnológicas. Hoje, entretanto, considera-se que os recursos oferecidos pela internet podem oferecer condições para ampliar a participação de leitores-telespectadores-usuários e a emergência de novos modos de fazer o jornalismo, com uma variedade de benefícios para a cidadania e para a democracia, incluindo reportagens e informações mais engajadas e notícias que melhor reflitam as complexidades e nuances de uma sociedade crescentemente plural (Pavlick, *apud* Franciscato, 2005, p.220). Porém, se as atuais interações no ambiente digital permitem a inserção de novos atores sociais nos processos de construção das notícias, não garantem, necessariamente, um jornalismo de maior qualidade, ou seja, um jornalismo mais contextualizado, mais crítico e esteticamente mais inventivo, cujos discursos sejam marcados pela diversidade ( Becker, 2009), o que exige competências para uma leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais e para a produção de outros conteúdos, até porque a rede oferece acesso a uma enorme quantidade de informação, mas não cria igualdade de uso da internet e do computador. Nesse processo, a necessidade de qualificação da formação e do trabalho jornalísticos é reafirmada porque quanto maior o volume de informação, maior é a necessidade de intermediários capazes de filtrar, organizar, priorizar dados e conteúdos (Palácios, 2003). A participação cada vez maior de indivíduos na produção de conteúdos na rede tem gerado uma nova e complexa situação cultural no mundo global e também nas práticas jornalísticas, ainda que as mudanças em curso sejam difíceis de mensurar e que muitas experiências apresentem similaridades estéticas e temáticas entre produtores de diferentes lugares do mundo (Manovich, 2009). Identificar experiências de produção de conteúdos noticiosos audiovisuais que utilizam o potencial da convergência<sup>2</sup> e observar se os

---

<sup>2</sup> O conceito de convergência é aqui compreendido como processo de diluição ou dissolvimento das fronteiras formais e materiais entre os suportes e as linguagens que resulta em uma diferenciação entre os meios pouco evidente e em uma fusão não necessariamente harmoniosa das formas de cultura, e que

processos colaborativos<sup>3</sup> que supõe a inserção de novos atores sociais na construção das notícias têm contribuído para um jornalismo de maior qualidade são iniciativas que contribuem para desvelar transformações nas rotinas produtivas do jornalismo, e identificar de maneira mais precisa as reconfigurações das práticas jornalísticas na atualidade e de suas mediações. Esse trabalho consiste em um estudo específico de apropriações das tecnologias digitais no webjornalismo audiovisual, atividade de produção e consumo de conteúdos noticiosos que incorpora a **multimedialidade**, a **hipertextualidade** e a **interatividade** ( Albornoz, 2007; Salaverría,2005; Palácios, 2002; Nogueira, 2005)<sup>4</sup>. Assume-se que a convergência em si e a possibilidade de trocar mais informações por um número maior de pessoas não garante valor informativo à notícia, tampouco um aperfeiçoamento das práticas jornalísticas audiovisuais<sup>5</sup>, o que depende de um investimento expressivo na formação dos futuros profissionais. O primeiro objetivo desse trabalho é, portanto, investigar efeitos da convergência nas rotinas produtivas jornalísticas; identificando e sistematizando características de sites, redes e de processos colaborativos que utilizam a linguagem audiovisual e recursos multimídia em diferentes experiências de produção e consumo de conteúdos noticiosos na web; observando mudanças nos conteúdos e formatos das notícias, e verificando se os atuais usos e apropriações das tecnologias digitais contribuem para o aperfeiçoamento da prática jornalística e para percepções mais diversas da(s) realidade(s) e dos acontecimentos sociais. O segundo objetivo deste trabalho e não menos importante é apontar que experiências como a do TJUFRJ, o telejornal online da Escola de Comunicação da UFRJ, contribuem para a formação dos futuros profissionais e de leitores-telespectadores-usuários ativos capazes de compreenderem o que acontece na tela e no mundo fora da tela (Ferré, 1994, p.106). Afinal, as web-tvs universitárias são cada vez mais expressivas no ciberespaço, principalmente por produzir conteúdos diferentes daqueles exibidos nos sites dos grandes grupos de mídia. Destacamos o TJUFRJ porque esta web-tv construída no ambiente acadêmico tem uma produção jornalística regular, propõe experiências de pensar e fazer o jornalismo, integrando teoria e prática nas atividades apresentadas aos alunos pela professora orientadora e realizadas no laboratório, estimulando a busca de outros formatos e conteúdos de notícias que utilizam a linguagem audiovisual e recursos multimídia. Para encontrar algumas respostas para essas inquietações, utiliza-se a análise comparativa quantitativa e qualitativa e a aplicação de categorias originárias de estudos de jornalismo

---

também define transformações mercadológicas, culturais e sociais, e depende da participação ativa dos consumidores (Machado, 2007,p.59-69; Jenkins, 2008, p.27-28)

<sup>3</sup> Conceitua-se jornalismo colaborativo como "o ato de um cidadão ou um grupo de cidadãos que desempenham papel ativo no processo de coletar, reportar, analisar e disseminar informação de um modo independente" (Bowman & Willis, 2003, p.9), onde a fronteira entre produção e leitura não pode ser claramente demarcada ( Primo & Trasel, *apud* Trasel, 2007,p.3).

<sup>4</sup> Compreende-se aqui a **multimedialidade** como a possibilidade de integrar em um mesmo suporte diferentes formatos e linguagens, ou seja, áudio, vídeo, fotografia e infográficos numa mesma mensagem como elementos constitutivos do produto disponibilizado nos bancos de dados da *web*; a **hipertextualidade** como uma forma multidirecional, não linear, de estruturar e acessar informações numa plataforma digital promovendo relações com outros dados, através de links; e a **interatividade** como um conceito associado às interações estabelecidas entre os usuários e os meios.

<sup>5</sup> As narrativas jornalísticas audiovisuais, tanto na TV, quanto na internet são aqui nomeadas práticas de jornalismo audiovisual porque ao identificar transformações nas narrativas dos telejornais e apontar características discursivas do webjornalismo audiovisual observa-se que essas distintas narrativas têm sofrido influências mútuas e passam por um processo de hibridização mediadas pelas tecnologias digitais. ( Becker, 2009)

digital e de pesquisas anteriores, como será referido adiante, num percurso metodológico formado por três fases distintas: mapeamento dessas experiências de produção de notícias que utilizam a linguagem audiovisual e recursos multimídia na web; observação de características dos sites que produzem conteúdos jornalísticos audiovisuais, e identificação de novos formatos e conteúdos de notícias na rede. A partir dos resultados alcançados apresenta-se, posteriormente, uma reflexão sobre o ensino do webjornalismo audiovisual associado à experiência do laboratório e do site TJUFRJ.

## 2. Percurso metodológico

Em um primeiro mapeamento realizado entre os dias 26 e 31 de outubro de 2009, entre 17h e 19 h, foi possível constatar a existência de quatro tipos de experiências de produção de conteúdos audiovisuais no ciberespaço: Youtube, seções colaborativas dos portais jornalísticos, redes colaborativas e web-tvs universitárias. Os portais recebem conteúdos de texto, áudio e vídeo, produzidos por seus usuários, e os publicam em partes específicas de suas páginas na web. Investem de maneira cada vez mais expressiva na multimedialidade como a seção de Especiales do Clarín, o periódico mais acessado na Argentina<sup>6</sup>, assim como na interatividade, através de mensagens de texto, compartilhamento de notícias por Orkut, Facebook e Twitter e envio de materiais de áudio, texto e vídeo pelos usuários, como o iReport, a seção colaborativa da CNN, o portal jornalístico mais acessado do mundo<sup>7</sup>; e o UOLmais, a seção colaborativa do UOL, portal jornalístico mais acessado do Brasil<sup>8</sup>. Esse mapeamento indica que essas experiências carecem de maior cuidado técnico e de conteúdo em suas associações entre texto e imagem. Há interesse dos usuários em investigar e noticiar fatos que não ganham a cobertura da mídia tradicional, mas faltam competências para a elaboração de narrativas mais críticas e criativas.

Um exemplo é o Youtube, o site mais acessado do mundo com 1 bilhão de vídeos assistidos por dia<sup>9</sup>, que gerou uma explosão de acesso, produção e distribuição de vídeos por diferentes comunidades, uma experiência que resulta da luta e do trabalho de comunidades participativas anteriores que estabeleceram o caminho para a assimilação pioneira, rápida adoção e usos diversos dessas plataformas" ( Jenkins, 2009, p.144). No entanto, se essa tendência nasceu no movimento de resistência cultural na segunda metade do século XX, parece ter perdido o radicalismo de sua expressão na sociedade contemporânea. A maioria dos produtos disponibilizados em sua *homepage* são imitações pouco criativas de conteúdos e formatos audiovisuais da indústria cultural. Basta navegar por alguns segundos no *site* que temos acesso a pelo menos vinte vídeos que realizam a imitação de um outro originário da indústria cultural, inclusive *trailers*

---

<sup>6</sup> www.alexa.com

<sup>7</sup> Idem

<sup>8</sup> Ibidem

<sup>9</sup> <http://agenciayep.blogspot.com/2010/03/youtube-completa-cinco-anos-no-ar-com-1.html>

de produções cinematográficas são reinventados por fãs e publicados no Youtube. Além disso, se o Youtube é aberto a todos os tipos de contribuições, nem todos os vídeos ocupam um mesmo espaço de destaque dentro da plataforma, e muitos são empurrados para a periferia virtual por se situarem fora das preferências dos visitantes e dos interesses comerciais dos proprietários do site ( Jenkins, 2009). Soma-se a este aparente tempo da livre circulação de conteúdos ou processo de comunicação simétrico, a exclusão de minorias que não dispõem do acesso ou de conhecimento para utilizar a tecnologia e a plataforma disponibilizadas. O atual aproveitamento dos potenciais das tecnologias digitais na construção de notícias revela-se insuficiente para a produção de um jornalismo de maior qualidade.

Outro exemplo são as seções colaborativas dos portais jornalísticos que sob a proposta de uma relativa diminuição de fronteiras entre quem faz e quem consome produtos da mídia, recebem conteúdos de texto, áudio e vídeo, elaborados pelos usuários, e os publicam em partes específicas de suas páginas na web. Porém, em alguns casos, antes de um conteúdo ser publicado, precisa ser aprovado pelo editor do site, e essa "autorização" concedida pela produção, segundo consta em páginas de envio de conteúdo, é justificada pela própria empresa jornalística por garantir a "qualidade" dos conteúdos que disponibiliza. Além disso, quando o usuário envia um vídeo para portais jornalísticos, muitas vezes precisa abrir mão de todos os direitos sobre o conteúdo e o formato da notícia. E algumas empresas jornalísticas ainda colocam em seu termo de adesão que os vídeos enviados pelos usuários poderão ter trechos editados e, posteriormente, publicados, para a divulgação do próprio portal. Desse modo, o produto passa a pertencer à empresa jornalística para a qual o usuário enviou determinados conteúdos, o que implica num questionamento sobre a real simetria desses processos de comunicação que ainda mantêm hierarquias e modos centralizados de produção, gestão e circulação de notícias. Embora sejam sugeridos o livre fluxo, a troca, e a disseminação irrestrita de informação jornalística na atualidade, certamente, muitos desses processos colaborativos não são caracterizados pela interatividade plena, ação comum que ocorre entre dois ou mais agentes e na capacidade igualitária de ação entre os agentes e na existência de imprevisibilidade das ações (Mielniczuk, 2001). As informações são transmitidas com maior regularidade e mais rapidamente, porém conteúdos e formatos de notícias se multiplicam em semelhantes possibilidades porque a velocidade de desenvolvimento da tecnologia nem sempre está em sincronia com os avanços dos valores institucionais e dos sistemas políticos e econômicos; desenvolve-se, paralelamente, uma sofisticada tecnologia de policiamento e de proteção de dados, que impõe limites à diversidade da produção jornalística televisual (BECKER, 2008).

Porém, existem distintas experiências de produção de conteúdos noticiosos audiovisuais no ciberespaço como as redes colaborativas<sup>10</sup>. Em ambientes como o Overmundo<sup>11</sup>, um site que se dedica a notícias, vídeos e publicação de textos produzidos por usuários associados à cultura brasileira, a credibilidade jornalística, segundo o editor de conteúdo do site, Viktor Chagas<sup>12</sup> é “assegurada” justamente pela ausência da mediação dos jornalistas, ou seja, quem acessa o site sabe que os fatos ali narrados foram escritos por uma pessoa que, como qualquer outra, tem uma opinião acerca dos mesmos, a comunidade de fato regula o que está sendo produzido. Outra experiência pioneira e de referência na prática de jornalismo colaborativo no mundo é Ohmynews<sup>13</sup>, um jornal coreano que agrega conteúdos de usuários sobre diferentes temáticas e os disponibiliza em duas versões, uma página em coreano e outra em inglês. Ao contrário do Overmundo, o Ohmy News busca conquistar credibilidade para atrair os usuários investindo em um formato semelhante aos sites de grandes grupos de mídia. Tanto as matérias textuais quanto os vídeos publicados seguem estruturas narrativas da grande imprensa, ainda que não consigam obter o mesmo resultado técnico e de conteúdo. Considerando que a interpretação e o processo de reconhecimento da credibilidade da informação também são essenciais em um ambiente digital, onde é possível publicar fabricar e manipular conteúdos com facilidade, ressalta-se que a apuração e a verificação de dados e fontes, é essencial para um aperfeiçoamento das práticas jornalísticas. Fragmentos audiovisuais de acontecimentos impactantes produzidos pelos usuários podem agregar valor de consumo imediato, mas nem sempre de conhecimento, característica inerente dos discursos jornalísticos.

Para poder compreender com maior precisão as características da produção jornalística audiovisual e os novos formatos e conteúdos das notícias disponibilizados nos sites, nas redes e nos processos colaborativos identificados nesse mapeamento como experiências relevantes, foi realizada, em seguida, uma primeira análise comparativa de 10 à 17 de dezembro de 2009, entre 8:30 e 12h, por meio da coleta e observação de todos os 122 vídeos publicados na homepage do Youtube, Overmundo, Ohmy News, Especiales Clarín Multimídia, iReport e UOLmais nesse período. Nessa análise foram aplicadas 8 categorias. À **multimedialidade**, à **hipertextualidade**, e à **interatividade**, que caracterizam o webjornalismo audiovisual já referidas, foram acrescentadas outras cinco categorias, a partir de resultados alcançados em pesquisas anteriores (Becker & Teixeira 2009a, 2009b). São elas: **estrutura**, que indica como o conteúdo é sistematizado através de determinadas estratégias de usabilidade; **atualidade**, utilizada para verificar a periodicidade e velocidade de produção e circulação da informação, característica inerente à atividade

<sup>10</sup> Segundo Castells (1999), rede pode ser definida como uma reunião de pessoas ou empresas em torno de objetivos em comum, através do estabelecimento de uma relação horizontal com trabalho colaborativo. Segundo Recuero (2009, p.102), embora as redes não sejam elementos novos na internet, elas são uma consequência da apropriação das ferramentas de comunicação mediada pelo computador pelos atores sociais e os sites de redes sociais são os espaços utilizados para a expressão das redes sociais na internet.

<sup>11</sup> Acessível em [www.overmundo.com.br](http://www.overmundo.com.br)

<sup>12</sup> Palestra realizada no Seminário Multimídias realizado pelo projeto TJUFJRJ no auditório da Central de Produção Multimídia da ECO-UFRJ acessível em [http://tv.ufrj.br/tjufrj/index.php?vid=mesa1\\_multimidias\\_ram](http://tv.ufrj.br/tjufrj/index.php?vid=mesa1_multimidias_ram)

<sup>13</sup> Acessível em <http://english.ohmynews.com/>

jornalística; **memória**, que oferece a possibilidade de identificar a capacidade de armazenamento de dados no ambiente digital, através de sistemas de busca; **enunciadores**, que permite observar como os âncoras e os repórteres apresentam o texto e como é realizada a construção da credibilidade desses profissionais; **editorialização**, que serve para mostrar os temas abordados nas homepages analisadas.

### 2.1. Análise comparativa

Na análise dos vídeos, observa-se que apenas um acontecimento é abordado em mais de um ambiente digital. Esse fato aponta uma tendência de publicação de conteúdos noticiosos audiovisuais restritos a temas locais. A maior parte dos vídeos analisados nesse período são clipes musicais ou de entretenimento. Os portais jornalísticos que abrigam as seções colaborativas, entretanto, também priorizam a cobertura jornalística de acontecimentos de âmbito nacional.

A atualização das notícias na *home* é freqüente, 90% dos textos das páginas principais dos portais são atualizadas de segunda a sexta, e no final de semana esse percentual diminui para 60%. Mas, nas redes colaborativas Overmundo e Ohmy News, a atualização é pouco dinâmica, principalmente dos vídeos. Os portais jornalísticos publicaram de quatro a seis novos vídeos na *home* por dia, mas o Overmundo e o Ohmy News disponibilizaram apenas quatro durante todo o período de observação, a maioria de entretenimento. Esta análise comparativa mostra ainda que os ambientes hoje disponíveis para que o usuário disponibilize os seus conteúdos são subutilizados, pois em geral, são publicados conteúdos produzidos por emissoras de televisão, muitos com as mesmas características narrativas dos telejornais, ou vídeos sobre a vida doméstica cotidiana dos usuários, os quais carecem de um maior cuidado técnico e estético. No entanto, esse estudo também permite observar que existem vídeos-reportagens realizados pelos usuários disponibilizados na seção iReport do site da CNN com qualidade estética e de conteúdo, apresentando abordagens diferenciadas e críticas sobre acontecimentos sociais, o que indica que os cidadãos começam a se apropriar das tecnologias digitais para produzir notícias e construir relatos sobre temas relevantes para a sociedade com alguma autonomia. Por outro lado, as redes colaborativas analisadas Overmundo e OhmyNews não oferecem inovações nos formatos e conteúdos audiovisuais noticiosos disponibilizados, de modo geral, publicam apenas videoclipes ou fragmentos de imagens, sem áudio, sobre um determinado acontecimento. A seção colaborativa UOLmais também não explora os potenciais da convergência e publica em média sete novos destaques por dia, porém 99,9% deste conteúdo é originário de reportagens televisivas. A seção Especiales, porém, merece destaque. Apresenta um *design* diferenciado e uma nova proposta de oferta de conteúdos aproveitando a hipertextualidade e a multimídia, o que sugere a busca de uma gramática própria para o webjornalismo audiovisual. No entanto, essa característica experimental gera notícias atemporais, em desacordo com a freqüente e

necessária atualização dos textos jornalísticos. Observa-se que a convergência e as práticas jornalísticas colaborativas, efetivamente, reconfiguram as práticas jornalísticas na atualidade, especialmente o webjornalismo audiovisual. Mas, provavelmente ainda teremos que trilhar um longo caminho até que os ambientes virtuais analisados sejam efetivamente espaços de livre produção e circulação de conteúdos audiovisuais jornalísticos capazes de promover mudanças estéticas e de conteúdo expressivas.

## **2.2. Investigando os processos colaborativos**

Para investigar com maior profundidade se os processos colaborativos contribuem para percepções diversas da(s) realidade(s) sociais cotidianas, em acordo com a hipótese e os objetivos apresentados, foi realizada uma extensão do *corpus* da pesquisa e feito ainda um estudo específico das seções iReport e UOLmais entre os dias 8 e 15 de janeiro de 2010, aplicando quatro das categorias utilizadas da análise comparativa porque essa terceira fase da investigação consiste mais precisamente em uma análise qualitativa. São elas: estrutura, enunciadores, editorialização e multimídia. Não consideramos nesse momento o Youtube e as redes colaborativas como experiências relevantes nessa etapa da investigação porque durante o período da análise a maior parte dos conteúdos disponibilizados nesse site foram de entretenimento, e também não inserimos as redes porque verificamos que ainda são pouco utilizadas para postagem de conteúdos jornalísticos audiovisuais pelos usuários. Esta análise comparativa revelou que, de modo geral, os relatos jornalísticos audiovisuais ainda não aproveitam o potencial na convergência, contudo há iniciativas de associações inventivas e reflexivas entre texto verbal e imagem na construção de notícias. A ausência da figura do âncora e até de repórteres na condução das narrativas é cada vez mais expressiva. Muitas vezes os usuários assumem a função de repórter como enunciadores dos acontecimentos, o que contribuiu para a diversidade de atores sociais representados nos relatos jornalísticos. Por outro lado, as informações são elaboradas pelos usuários a partir de repertórios muito pessoais, o que compromete a credibilidade das notícias. Entretanto, a seção colaborativa iReport da CNN já pode ser apontada como uma referência para a percepção do valor da participação dos usuários na produção de um jornalismo audiovisual de qualidade. Os usuários desta seção apresentam abordagens contextualizadas dos fatos sociais e investem na força das entrevistas na construção de sentidos, que também constituem -se como elemento-chave nas estruturas de matérias audiovisuais produzidas por esses usuários. Os vídeos dessa seção colaborativa comprovam que o jornalismo colaborativo pode resultar em um aperfeiçoamento das práticas jornalísticas. Por outro lado, a pesquisa revela que o UOLmais, é um espaço marcado pela reprodução de conteúdos televisivos, principalmente os jornalísticos. As matérias são originárias das emissoras de televisão e reinseridas nesta página pelos próprios usuários, quase sempre associadas ao entretenimento e a diversão, sem apresentar qualquer tipo de inovação na forma e no conteúdo das notícias. Observamos que a seção colaborativa



iReport investe em diversas temáticas e na produção de notícias de modo regular. Essas tendências identificadas a partir da análise comparativa qualitativa dessas duas seções colaborativas indicam efetivas mudanças nas rotinas produtivas jornalísticas, que tanto podem colaborar para a geração de olhares mais diversos sobre a(s) realidades sociais, quanto para uma aproximação do jornalismo com o entretenimento que não colabora para valorização do jornalismo como forma de conhecimento, nem como prática social estratégica para a conquista da democracia.

### **3.TJUFRJ: uma experiência de jornalismo e educação**

Os resultados das análises comparativas mostram que os recursos oferecidos pela internet já oferecem condições para ampliar a participação de leitores-telespectadores-usuários e a emergência de novos modos de fazer o jornalismo, com uma variedade de benefícios para a cidadania e para a democracia, o que indica que os cidadãos começam a se apropriar das tecnologias digitais para produzir notícias e construir relatos sobre temas relevantes para a sociedade que não ganham a cobertura da mídia tradicional com relativa independência. Assume-se que a produção, gestão e circulação de informações jornalísticas colaborativas estabelecem relações de complementariedade com o jornalismo profissional, e vice-versa, em processos não excludentes de produção de notícias e também identifica-se que colaboradores buscam contribuir de forma a ampliar as discussões acerca dos fatos sociais transformados em acontecimentos midiáticos, em acordo com Trasel ( 2007, p.17-19). A figura do âncora é substituída pelas vozes dos entrevistados na condução das narrativas jornalísticas audiovisuais, e muitas vezes os usuários também assumem a função de repórter como enunciadores dos acontecimentos. Porém, também revelam que nem sempre esse resultado é alcançado porque se as atuais interações no ambiente digital permitem a inserção de novos atores sociais nos processos de construção das notícias, não garantem, necessariamente, um jornalismo de maior qualidade.

O mapeamento realizado mostra que faltam competências aos cidadãos para a elaboração de narrativas jornalísticas mais críticas e criativas que possam contribuir para uma diversidade de representações dos acontecimentos. Os conteúdos e formatos noticiosos publicados nas redes colaborativas ainda carecem de maior cuidado técnico referente às pautas, às fontes, aos processos de apuração, de uso da linguagem audiovisual, e de usos mais expressivos de recursos multimídia, assim como de conteúdo capazes de apresentar relatos mais contextualizados e associações mais inventivas entre texto e imagem, até porque a rede oferece acesso a uma enorme quantidade de informação, mas não cria igualdade de uso da internet e do computador. Além disso, a investigação aponta que os ambientes hoje disponíveis para que o usuário disponibilize os seus conteúdos são subutilizados, pois em geral, são republicados conteúdos

originariamente produzidos pela própria mídia, especialmente pelas emissoras de televisão, ou postados apenas registros de experiências domésticas. Sugere que sob o aparente livre fluxo, a troca, e a disseminação irrestrita de informação jornalística na atualidade, os processos colaborativos de produção de notícias ainda não são caracterizados pela interatividade plena. Ressalta ainda que a apuração e a verificação de dados e fontes é fundamental para um aperfeiçoamento do jornalismo como prática social porque a interpretação e o processo de reconhecimento da credibilidade da informação também são essenciais em um ambiente digital, onde é possível fabricar e manipular conteúdos com facilidade, o que exige uma qualificação cada vez maior dos cidadãos, tanto amadores quanto profissionais num ambiente em constante transformação que não pode ser reconhecido como um território livre de tensões e interesses.

O ensino e a prática de um jornalismo audiovisual de qualidade, tanto na TV quanto na Internet, requer um telespectador-usuário que tenha capacidade de conhecer, entender e analisar as novas linguagens, os códigos e as tecnologias dos meios de comunicação; o conhecimento do processo que implica a produção de conteúdos; a competência para analisá-los de uma perspectiva crítica em determinado contexto; e a habilidade de interagir com os meios de forma reflexiva e de produzir mensagens midiáticas com um grau mínimo de qualidade (FONTCUBERTA, 2008, p.195), até porque os textos audiovisuais têm uma expressiva riqueza semântica, e demandam um domínio, ainda que relativo, também dos elementos que os compõem. E os processos de aprendizagem dos novos formatos e conteúdos de notícias que utilizam a linguagem audiovisual e recursos multimídia podem, efetivamente, contribuir para formação de leitores-telespectadores-usuários ativos e para uma exploração maior dos potenciais da convergência em práticas jornalísticas de maior qualidade como a experiência do site e do laboratório TJUFRJ, o telejornal online da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ambiente onde foi desenvolvido este trabalho.

O projeto compreende um laboratório e um site, que pode ser acessado no endereço [www.tj.ufrj.br](http://www.tj.ufrj.br), experiências de integração entre teoria e prática e entre a Graduação e a Pós -Graduação, constituídas de atividades de ensino, pesquisa e extensão. O TJUFRJ busca promover a utilização de discursos e narrativas midiáticas mais contextualizadas e inventivas na distribuição e na multiplicação de conhecimentos relativos à produção acadêmica e aos eventos da ECO e às pesquisas científicas de outras unidades da UFRJ. Busca ainda investigar os efeitos das novas tecnologias na produção das notícias audiovisuais. O site é caracterizado pelas possibilidades de acessar reportagens em vídeo sobre os principais eventos desta instituição, de realizar transmissões ao vivo de palestras, aulas e debates, e, ainda, de funcionar como acervo audiovisual de trabalhos produzidos por professores e alunos da ECO. O TJUFRJ oferece aos seus alunos e bolsistas a oportunidade de experimentar produzir e refletir sobre o jornalismo audiovisual na web.

Os conhecimentos adquiridos têm sido sistematizados nos trabalhos dos alunos e da professora orientadora responsável, apresentados em congressos e seminários, e publicados em periódicos especializados. O projeto TJUFRJ foi contemplado por dois anos consecutivos pela FAPERJ (principal instituição de fomento à pesquisa do estado do Rio de Janeiro) e durante quatro anos sucessivos com bolsas para os estudantes que participam do projeto, os quais formam uma equipe que têm a oportunidade de vivenciar as funções de pauteiros, produtores, repórteres, cinegrafistas, editores de texto e imagem, e redatores, socializando conhecimentos nas interações com os novos alunos que ingressam no projeto, inscritos na disciplina TJUFRJ, a cada semestre, e que recebeu em 2008 e 2010 menção honrosa na Jornada de Iniciação Científica Artística e Cultural da UFRJ. O laboratório e o site TJUFRJ oferecem a possibilidade de relacionar a educação a processos de formação de audiências e usuários com competências e habilidades para intervir nas representações de acontecimentos sociais de maneira crítica e criativa em distintos contextos sócio-culturais. Essa experiência indica que o investimento na formação dos futuros profissionais, o estímulo à capacidade de saber pensar e fazer o jornalismo, de elaborar e cruzar conteúdos, e de selecionar a informação, talvez nunca tenha sido tão essencial, e pode, inclusive, colaborar para reduzir os distanciamentos entre a formação dos futuros jornalistas e o exercício profissional do jornalismo, e entre a prática jornalística e a pesquisa em jornalismo.

#### 4. Algumas Lições

Experimentamos a convivência de uma era da informação com uma era da comunicação ou do conhecimento, bem como a existência de um modelo de gestão de informação verticalizado e hierarquizado, paralelo ao surgimento de uma comunicação transversal e dialógica, de uma mídia massiva para uma mídia distribuída marcada pela possibilidade de exercício da cidadania em grande escala (DYER-WITTERFORD, 1999). A hegemonia do jornalismo como *gatekeeper* do acervo noticioso é questionada, não só por causa da tecnologia da concorrência de mercado, mas também pelo poder das audiências e dos usuários (BOWMAN & WILLIS, 2003, p. 7), mesmo considerando que a disputa pelo controle da informação ainda seja assimétrica. As apropriações dos cidadãos das tecnologias digitais na criação e disponibilização de conteúdos rompem o modelo tradicional de comunicação centralizado na produção. A popularidade das aplicações desenvolvidas sob o conceito de Web 2.0 abre um caminho de possibilidades de reestruturação de gestão de conteúdos noticiosos recorrentes nas mídias massivas. Desde o *boom* dos *blogs* até a introdução de softwares de edição, a ação da população na criação de conteúdos reconfigura os processos de comunicação e a mediação do jornalismo na atualidade. Os novos modos de construção da notícia e os diferentes temas e atores sociais envolvidos nos processos de produção e consumo de informação nunca

vistos nas telas da tevê e do computador geram possibilidades de mobilização da opinião pública e de construções de movimentos políticos em direções não conhecidas ou previamente controladas, e em sociedades mais descentralizadas (SASSEN, 2006) . Mesmo sem um pagamento monetário, as milhares de pessoas que alimentam a *web* com informações diversas exercem um ativismo e têm assumido alguma posição de resistência diante de grandes organizações e estruturas empresariais. Diante disso fica difícil negar que o capital social parece ter encontrado sua mídia na Internet para combater o capital monetário (ANTOUN ,2008, p. 5).

Sem dúvida, a intervenção de indivíduos e grupos sociais diversos na apuração, seleção e divulgação de notícias promove alguma ruptura nas rotinas produtivas jornalísticas e nos sentidos construídos sobre distintos acontecimentos, o que não significa um esvaziamento do jornalismo como prática social, mas a possibilidade de sua reinvenção na dinâmica de uma cultura de colaboração em rede em formação. O investimento em novos formatos de notícias, explorando a multimídia, a interatividade, e a hipertextualidade, e reportagens e informações mais contextualizadas e engajadas, podem contribuir para contar melhor histórias do cotidiano e complexidades de uma sociedade crescentemente plural e diversa (DEUZE, *apud* FRANCISCATO, 2005, p.218). É claro que olhares diferentes resultam em ângulos diferentes de representações das realidades, menos desiguais, mais democráticos. Porém, o jornalismo participativo, ainda é muito dependente das grandes organizações de mídia, e das ofertas de participação sugeridas pelos monopólios da comunicação. Hoje, as empresas aproveitam as tecnologias digitais para criar *commodities* relacionadas à economia da informação: softwares, filmes, vídeo, programas de televisão, música eletrônica e jogos de vídeo, estimulando o consumo, a proliferação de bens digitais e o crescimento de mercados segmentados. E muitas vezes, a demanda por diferentes níveis de acesso e diálogo é incentivada pelas próprias empresas, fazendo, desse modo, a convergência corresponder apenas ao fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre diferentes nichos de mercado e ao comportamento migratório dos públicos que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam, e, nem sempre de informações jornalísticas mais contextualizadas, críticas e criativas. Os usos das tecnologias digitais permitem aos usuários estabelecer novos espaços de ação e formas de comunicação interpessoal na *web*, o que não significa, necessariamente, uma produção de conteúdos e formatos jornalísticos inovadores. As tecnologias digitais são também aproveitadas pela sociedade civil como uma forma de reprodução de determinados valores e princípios articulados na economia discursiva da mídia massiva, e nem sempre a rede se constitui como espaço de transformação e de lutas políticas progressistas, podendo até ser utilizada como instrumento de promoção de discursos bastante autoritários por determinados grupos. Em muitas coberturas jornalísticas, principalmente em campanhas eleitorais, as notícias são mais valorizadas como mercadorias do que como formas de

conhecimento de realidades sociais, carecendo, muitas vezes, de atributos interpretativos, e de tratamentos diferenciados dos fatos. E é ainda a produção de uma determinada mídia o que as redes criticam, misturam e reciclam através da inclusão da opinião de milhões de usuários (DEUZE; BRUNS; NEUBERGER, 2007, p. 26). Além disso, se as informações sobre os acontecimentos percorrem o mundo em um ritmo acelerado inseridas num sistema midiático global, os fatos são produzidos e consumidos em uma determinada localidade física, sob determinadas rotinas de produção e consumo. E as enunciações no território virtual também estão vinculadas às relações sociais estabelecidas no contexto socio-cultural e político onde essas práticas estão inseridas porque muito do que acontece no espaço eletrônico é profundamente alterado pelas culturas que têm lugar fora do espaço eletrônico. (FRAGOSO, 2008, p.112). Os portais da Internet podem colher itens de notícias de outras organizações noticiosas sem levar em conta a proximidade, a política ou o custo. Isto tem permitido que esses portais forneçam informações que não estão disponíveis para a audiência através dos canais comuns das mídias de notícias. No entanto, a disponibilidade das tecnologias da informação não necessariamente supera outras influências sobre o conteúdo da comunicação de massa (SHOEMAKER; JOHNSON; SEO; WANG, 2010).

Hoje, os maiores desafios das redes colaborativas de jornalismo são a credibilidade das notícias, a qualidade da informação jornalística – a apuração, a verificação de pautas, fontes e dados, a inventividade estética e de conteúdo, a pluralidade de interpretações e a diversidade temática (BECKER, 2009), e a sustentabilidade dessas experiências que ainda não dispõem de um modelo de negócio definido, até porque questiona - se como a imprensa independente pode sobreviver em uma sociedade democrática neste século, como propõem Kovach e Rosenstiel (2001, p.48-54). Segundo os autores, a resposta vai depender do que os jornalistas têm como clareza e convicção o que a independência da imprensa é, e com o que os cidadãos realmente se importam. Sugerimos que tanto os processos colaborativos de construção da notícia na web podem constituir formas não hegemônicas e independente de produção, gestão e circulação da informação quanto a qualidade do webjornalismo audiovisual pode ser assegurada se estiverem associados à processos de educação capazes de oferecer aos futuros profissionais aptidões e interesses para compreender o que acontece na tela do computador e fora dela, e para construir notícias que despertem alguma consciência sobre a realidade histórica do mundo, seus desafios e contradições.

Por essa razão, a proposta de trabalho do projeto TJUFRJ sugere a importância de investigações sobre processos de leitura das narrativas audiovisuais, dos processos de construção de sentidos estabelecidos das relações entre produção e recepção. Afinal, as narrativas jornalísticas são lidas e compreendidas como histórias que geram outras. O fato não se encerra nele próprio, gera significados. No exercício da narrativa, ele produz sentido, formando, quem sabe, outros pólos possíveis de compreensão do cotidiano (RESENDE, 2009, p. 43), e, portanto, de diálogos, de processos de comunicação e partilha de conhecimento. É claro,

que os relatos jornalísticos, efetivamente, apresentam distorções, temas restritos que ainda ficam obscuros ou abordagens tendenciosas que costumam padronizar a opinião, mas sob esse olhar é possível investir na qualidade dos relatos e na diversidade dos discursos jornalísticos, especialmente durante o processo de formação dos futuros profissionais. Compreende-se, como sugere Martin-Barbero (2001), que as imagens televisivas e os fluxos informáticos multimídias aceleraram e aprofundam tendências estruturais de nossa sociedade, mas sua eficácia e força provém de relações sociais estabelecidas no cotidiano da vida social, são processos de des-construção e re-construção de referências e de identidades, territórios simbólicos onde se trava a estratégica batalha cultural no cotidiano.

## 5. Referências

ALBORNOZ, Luis A. **Periodismo digital: Los grandes diarios em la Red**. Buenos Aires: La Crujía, 2007.

ANTOUN, Henrique. **A web 2.0 e o futuro da sociedade cibercultural**. Artigo apresentado no XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal, 2-6 de setembro de 2008.

BECKER, Beatriz. **Diversidade e Pluralidade: Desafios da Produção de um telejornalismo de qualidade**. In: BORGES, Gabriela; REIA-BAPTISTA, (orgs.). **Discursos e Práticas de Qualidade na Televisão**. Lisboa: Novos Horizontes, 2008, p.357-367.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo audiovisual de qualidade: um conceito em construção**,

Florianópolis, Estudos em Jornalismo e Mídia, Ano VI, n. 2, pp. 95 - 111 jul./dez. 2009

BECKER, Beatriz; TEIXEIRA, Juliana. **Um panorama da produção jornalística audiovisual no ciberespaço**: as experiências das redes colaborativas. Revista FAMECOS. Porto Alegre: Vol.1, nº40, dezembro de 2009a. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/6316>

\_\_\_\_\_. **Narrativas jornalísticas audiovisuais: um estudo dos efeitos da convergência no JN e no UOL**. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 18, p.232-246, dezembro de 2009b. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/2686/1733>

BOWMAN, Shayne & WILLIS, Chris. **Nosotros, el medio – Cómo las audiencias están modelando el futuro de la noticias y la información.** Tradução de Guillermo Franco M. The Media Center at The American Press Institute. Colômbia: Casa Editorial El Tiempo, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DEUZE, Mark; BRUNS, Axel; NEUBERGER, Chritoph. **Preparing for an age of participatory news,** *Journalism Practice*, 1(3), 2007, pp. 322-338.

DYER-WITTERFORD. **Cyber-Marx, cycles and circuits of struggle in high technology capitalism.** University of Illinois Press, 1999.

FAUSTO NETO, Antônio. **Jornalismo: sensibilidade e complexidade.** *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 18, p.17-30, dez. 2009.

FERRÉS, Joan. **Televisión e educación.** Barcelona: Paidós, 1994.

FONTCUBERTA, Mar de. **Uma televisão de qualidade exige um receptor de qualidade.** In: BORGES, Gabriela; REIA-BAPTISTA, (orgs.). **Discursos e Práticas de Qualidade na Televisão.** Lisboa: Novos Horizontes, 2008, p.189-198.

FRAGOSO, Suely. **Conectibilidade e geografia em sites de rede social.** *Galáxia*, n.16, PUC-SP-EDUC, 2008

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A Fabricação do Presente.** Aracaju, Editora UFS, 2005.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** Tradução de Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.

\_\_\_\_\_. **O que aconteceu antes do YouTube?** In: BURGESS, Jean & GREEN, Joshua; com John Hartley e Henry Jenkins. **YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa está transformando a mídia e a sociedade.** Aleph, 2009.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **The Elements of Journalism: What Newspeople Should Know and The Public Should Expect**, New York, Crown Publishers, 2001

LEV MANOVICH. **Cultural Analytics: Visualising Cultural Patterns in the Era of "More Media**, Domus, (Milan), March 2009

MACHADO, Arlindo. **Arte e Mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

MARTÍN-BARBERO, Jesús e REY, Germán. **Os Exercícios do Ver. Hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2001.

MIELNICZUK, Luciana. **Considerações sobre interatividade no contexto das novas mídias**. 2001. Disponível em: [http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2001\\_mielniczuk\\_interatividadenovas](http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2001_mielniczuk_interatividadenovas).

\_\_\_\_\_. **O estudo da narratividade no ciberjornalismo**. In: PALACIOS, Marcos; NOCI, Javier Díaz (Orgs.). Metodologia para o estudo dos cibermeios. Editora: EDUFBA, 2008

NOGUEIRA, Leila. **O web Jornalismo audiovisual: uma análise de notícias no UOL News e na TVUERJ on-line**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal da Bahia, orient.: Prof.Dr. Elias Machado, 2005.

PALACIOS, Marcos . **Fazendo Jornalismo em Redes Híbridas: Notas para discussão da Internet enquanto suporte mediático**. Jornalismo Cultural Revista Online da Puc Mg, <http://www.fca.pucminas.br>, 2003.

RESENDE, Fernando. **O Jornalismo e suas Narrativas: as Brechas do Discurso e as Possibilidades do Encontro**. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 18, p.31-43, dez. 2009

RODRIGUES, Carla. **Ainda em busca de definições para o jornalismo on-line**. In: RODRIGUES, Carla (Org.). Jornalismo on-line: modos de fazer. Editora PUC-Rio: Editora Sulina, 2009.

SALAVERRÍA, Ramón. **Hipertexto periodístico: mito y realidad**. 2005. Disponível em: [http://cicr.blanquerna.url.edu/2005/Abstracts/PDFsComunicacions/vol1/05/SALAVERRIA\\_Ramon.pdf](http://cicr.blanquerna.url.edu/2005/Abstracts/PDFsComunicacions/vol1/05/SALAVERRIA_Ramon.pdf).



SASSEN, Saskia, **Territory, Authority, Rights: From Medieval to Global Assemblages**. Princeton University Press 2006.

SHOEMAKER, Pamela J.; JOHNSON, Philip R.; SEO, Hyunjin; WANG, Xiuli. **Readers as Gatekeepers of Online News: Brazil, China, and the United States**, *Brazilian Journalism Research*, Vol.6-N1, 2010.

TRÄSEL, Marcelo . **A participação do público nos webjornais Wikinews e Kuro5hin**. In: V Encontro da Sociedade Brasileira de Pesquisa em Jornalismo, 2007, Aracaju. Anais ... SBPJor - Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (CD-Rom). Aracaju : Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2007. v. 1. p. 1-19.

PALACIOS, Marcos. **Jornalismo Online, Informação e Memória: Apontamentos para debate**. 2002. Disponível em: [http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002\\_palacios\\_informacaomemoria.pdf](http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_informacaomemoria.pdf). Acessado em 10 de abril de 2008.

\_\_\_\_\_. **Fazendo Jornalismo em Redes Híbridas**: Notas para discussão da Internet enquanto suporte mediático. Jornalismo Cultural Revista Online da PUC-MG, <http://www.fca.pucminas.br>